

RELAÇÕES ENTRE CORPO, FORMAÇÃO CULTURAL, FORMAÇÃO DISCURSIVA E FORMAÇÃO IMAGINÁRIA

Isaac Costa

Universidade de Pernambuco

(isaac.mello@live.com)

Resumo

Este texto busca estabelecer relações de conjunção entre os conceitos de formação cultural, formação imaginária e formação discursiva, em busca de propiciar um tratamento paradoxal conferido ao corpo. Nesse panorama, a atenção é voltada ao corpo do sujeito drag queen, que materializa uma posição de *eu* e, ao mesmo tempo, a nega como sendo sua. Esse corpo é e não é *eu*, é e não é mulher, artista e público, voz e silêncio. A ideia de um corpo unificado, completo, cede espaço à concepção materialista da contradição, recoberta sempre e incessantemente pela ordem da ideologia, que visa encobrir as disputas assimétricas que originam e atravessam a formação social. Em pedaços, esse corpo só se apresenta de forma completa por ação do tamponamento ideológico que procura formatá-lo desse modo, além de, por ação de controle, moldá-lo de acordo com as determinações estéticas regidas pela formação cultural em dominância. A cultura atua nesse esquema tanto como instância de regulação de um imaginário de corpo quanto como espaço de dissimulação das incoerências que circundam essa imagem formulada, ideal de existência de um único corpo possível.

Palavras-chave: Formação cultural; Formação imaginária; Formação discursiva; Análise de discurso.

Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-17	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

Isaac Itamar de Melo Costa

Isaac Itamar de Melo Costa é professor colaborador do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade de Pernambuco (PROFLETRAS - UPE). Laureado em Licenciatura em Letras - Português, Inglês e suas respectivas literaturas pela Universidade Federal Rural de Pernambuco - Unidade Acadêmica de Garanhuns (2014), mestre em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco (2016) e doutor em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2023). Tem experiência em áreas de estudo relacionadas à Linguística, como a Semântica, a Filosofia da Linguagem e a Análise de Discurso, atuando principalmente nos seguintes temas: discurso e corpo; língua, linguagem e ideologia; sujeito e inconsciente; classe, raça e gênero; feminismos e arte. Sua área de interesse na pesquisa mais recente tem sido a interface entre o discurso, o corpo e o campo das artes, sobretudo na performance. É membro do Grupo de Pesquisa Oficinas de Análise do Discurso: conceitos em movimento, liderado pela Profa. Dra. Maria Cristina Leandro Ferreira, e um dos coordenadores do Grupo de Estudos e Pesquisas em Análise de Discurso Pecheutiana da UPE (GepAD/UPE).



lattes.cnpq.br/0452353225402463



orcid.org/0000-0002-4635-2824

Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-17	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

RELAÇÕES ENTRE CORPO, FORMAÇÃO CULTURAL, FORMAÇÃO DISCURSIVA E FORMAÇÃO IMAGINÁRIA

Isaac Costa

Universidade de Pernambuco

(isaac.mello@live.com)

Primeiras palavras

Este texto se pretende a investigar o contato existente entre três conceitos caros à análise materialista de discurso, quais sejam: formação discursiva, formação imaginária e formação cultural. O ponto nodal de reunião entre eles é o corpo, ou, mais apropriadamente, as imagens de corpo colocadas em atividade pelo sujeito drag queen. Afirmar isso teoricamente significa, na prática analítica, considerar que existe uma determinação de tipo cultural que funciona em contato com a determinação ideológica que se desvela na delimitação das formações discursivas e imaginárias. Deste construto materializado na língua participa, ainda, um atravessamento de tipo psicanalítico que denuncia a contradição de um sujeito que adota a alternância dos pronomes *ela* e *eu* para se referir a si próprio. *Ela*, a figura drag, é ao mesmo tempo próxima e apartada desse *eu*.

Esse é um movimento subjetivo, complexo e paradoxal, que estabelece relação de proximidade com o desenvolvimento de Michel Pêcheux (2012) sobre os *objetos paradoxais*. Na Psicanálise, o *objeto a* é causa do desejo; em Análise de Discurso, um objeto paradoxal funciona como causa da divisão de uma formação em duas, e depois em mais duas, e assim incessantemente, como a hidra de Lerna. Dessa forma, pode-se dizer que objetos como a paz, por exemplo, são paradoxais, pois, a partir dela, desdobram-se inúmeras divisões nas formações (de qualquer tipo) – se faz guerra para que se mantenha a paz, a paz era um dos lemas da União Soviética, mas também do Estado capitalista, a paz para um racista é diferente da paz da democracia racial, que é diferente da paz religiosa *etc.*

O corpo, como objeto paradoxal, reúne uma série de contradições em torno de si. O corpo da drag é e não é mulher, e, no caso que analiso, é e não é eu. A metodologia deste estudo, que integra uma pesquisa de doutorado, compreende duas etapas. Primeiro, como definem Carolina Fernandes e Luciana Vinhas (2019), ocorre o vislumbre de um observatório

Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-17	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

de discurso. Essa é a fase em que, a partir do exame das condições de produção de um discurso, se estabelece um corpus. Nesse caso, ao se deparar com uma materialidade específica (neste texto, um comentário postado em um videoclipe no canal de YouTube da drag Pablio Vittar), o analista procura entender a produção das evidências de sentido, que aparecem como transparências, mas comportam contradições em sua constituição. Daí se segue uma descrição em batimento com uma interpretação: a segunda etapa envolve a busca pela compreensão da formulação da materialidade e o que ela dá a ver – o corpo do sujeito drag queen, que é afetado pelo imaginário do que é ser homem e do que é ser mulher, já que a arte drag opera predominantemente por meio da manipulação desses imaginários (para reprodução, transformação, questionamento *etc.*). Homem e mulher são índices de compreensão sedimentados pela cultura, são compreendidos a partir dela de diferentes modos nas conjunturas sociais em que ocorrem. A partir da compreensão dessa determinação cultural na conjuntura capitalista, estabeleço conexão com o funcionamento das demais formações no plano do discurso, na tentativa de caracterizar a especificidade desse objeto discursivo paradoxal. Começo essa investigação pela ambiguidade (presente em ser um e outro) e, depois disso, apresento a materialidade e os mecanismos articulados na produção de seu sentido.

Ambiguidade e passabilidade

Em *A Resistência da língua nos limites da Sintaxe e do Discurso*, de 1994, Maria Cristina Leandro-Ferreira começa a tratar da ambiguidade a partir do ponto de vista do gerativismo chomskyano. A escolha por essa linha, segundo a autora, remete ao fato de que a teoria de Chomsky elege um lugar especial para o tratamento da ambiguidade, qual seja: o de observação e resolução de um problema imposto à sintaxe. É bem sabido que diferente do tratamento concedido à ambiguidade pela tradição grega, a Chomsky pouco interessa a constituição e implicação lógica da ambiguidade. O gerativismo também exclui de seu cerne de questionamentos os desdobramentos semânticos arraigados à produção e interpretação dos pontos em que a ambiguidade se apresenta na estrutura da língua. Nesses termos, é mais interessante determinar se uma palavra como *working*, por exemplo, funciona como verbo ou como substantivo em dado contexto, do que, propriamente, como a utilização do termo “trabalho” está atrelada às conotações positivas sobre um determinado estado de coisas. Frases do tipo “*you better work*” e “*miss thing is working*” são largamente utilizadas em comunidades de fala *drag* e LGBTQIAP+, e equiparam “*work*” a êxito; na mesma esteira de sentido e sem grandes prejuízos semânticos, *work* pode ser substituído por *success*.

O mesmo ocorre com colocações sintagmáticas relativas a um referente ambíguo,

Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-17	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

como “Ana virou um bolo” – nesses casos, na ótica do gerativismo, a preocupação recai sobre a disjunção das possibilidades de significação, a *desambiguação* dos termos na sentença, em prol da manutenção do “sentido” em uma determinada direção. A possibilidade de discussão da lógica dessa colocação fica reduzida à gramática normativa e à relação de verossimilhança, a ambiguidade, “ainda que se possa ser entendida como a aproximação efetiva da dimensão do equívoco na língua, acaba funcionando como uma ‘paródia’ dessa realidade” (LEANDRO-FERREIRA, 1994, p. 49).

Baseada em *Faire Dire, Vouloir Dire*, de Claudine Haroche, Leandro-Ferreira (1994) situa na tradição aristotélica o tratamento da ambiguidade baseado na ideia de relação interna e externa à sentença. A discussão se centra na identificação dos fatos ambíguos como atribuídos ou como inerentes à linguagem, isto é, esse tipo de investigação articula a ambiguidade a um problema pragmático ou a uma particularidade linguística; no fundo, o que está em questão é a antiga disputa entre o imanente e o extralinguístico. Dessa forma, haveria ambiguidades de tipo sintático, quando o fato ambíguo está relacionado a dois ou mais referentes no interior da própria sentença e, também, a ambiguidade referencial de enunciados incompletos, presente, por exemplo, nos casos em que o referente aponta para um exterior não-marcado sintaticamente – como a elipse.

Pode-se dizer, portanto, que, de um lado, está a ambiguidade sintática e, de outro, a ambiguidade semântica, conectada à indeterminação. Além da elucidação da questão da concepção da ambiguidade como referente interno ou externo, Haroche examina de que maneira o sujeito se relaciona com a produção das ambiguidades, tido que se algo é ambíguo o é para um determinado sujeito. Nesse cenário, a ambiguidade semântica está “ligada mais às carências dos indivíduos que às da língua: sendo mais um problema de comunicação que um problema propriamente linguístico” (LEANDRO-FERREIRA, 1994, p. 52).

Rejeitando a separação sistemática entre a abordagem linguística (sintática) e a pragmática (semântica), Haroche propõe uma concepção que articule o linguístico com o extralinguístico, observando, ao invés da composição, classificação ou dissolução do fato ambíguo, os mecanismos de produção da normatividade que recalca a ambiguidade. Interessa a autora, nesse momento, o funcionamento da linearidade, da transparência, da univocidade, enfim, os pontos que demonstram a relação do sujeito com o saber – há de se ler: esse conhecimento do sujeito que diz saber. A ambiguidade estaria, nessa concepção, conectada com um desvio da produção e elocução do que se sabe (ou, pelo menos, do que se entende ou pressupõe saber). Esta é, assim, uma abordagem da ambiguidade capaz de elucidar a forma de operar do sujeito-centro-sentido, este a quem Michel Pêcheux (2014) ataca ao desenvolver uma teoria que põe em suspenso a centralidade do sujeito e cede espaço às diferentes linhas

Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-17	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

de ação que se emaranham na constituição de um sujeito dividido entre a determinação inconsciente (de herança psicanalítica) e a determinação ideológica (implicação da base materialista que alicerça a teoria do discurso).

Se, no campo linguístico, a ambiguidade está relacionada a um problema de natureza sintática ou semântica, no terreno do discurso, por outro lado, ela representa o espaço mesmo em que se dão a ver as possibilidades de sentido e de constituição do sujeito que enuncia. Ao invés de cercar um sentido que é ou não é correspondente ao signo em que irrompe o fato ambíguo na estrutura da língua, considera-se, a partir da Análise de Discurso, aquilo que comparece como ponto de condensação, materialização linguística da ambivalência própria a determinados fatos sociais. A contradição que se apresenta por intermédio da ambiguidade diz respeito às formas de ser e não ser, num mesmo tempo, espaço e sob as mesmas condições. Um gerente é, de uma só vez, agente de subordinação de seus empregados e subordinado à estrutura capitalista que não lhe aparta do papel de explorado. Um sujeito situado numa estrutura democrática é e não é livre e detentor de seus direitos; a educação é e não é ferramenta emancipatória; e, de maneira semelhante, uma *drag queen* faz e não faz uma referência ao gênero oposto do indivíduo performer. A materialidade que segue configura uma *sequência discursiva*, unidade que serve de base para análise:



Sequência discursiva 1: Comentário do videoclipe de Corpo Sensual. Fonte: YouTube

Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-17	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

A imagem ilustra um comentário postado como resposta ao videoclipe da canção *Corpo Sensual*, da *drag queen* Pablllo Vittar em parceria com Mateus Carrilho. O vídeo e o comentário estão disponíveis para reprodução no canal do YouTube¹ da cantora. O texto do comentário confunde Pablllo, que está à esquerda, de vestido amarelo, com Mateus, que aparece à direita, de bigode e camisa de botão. A confusão apontada pela fala do *user* se conecta ao fato de Pablllo ser um nome próprio masculino e de sua *drag* mimetizar signos associados ao imaginário social do ser feminino, como o cabelo longo, o vestido e a maquiagem. Pode-se dizer que a marcação de Pablllo com uma mulher deriva da ambiguidade materializada na forma de apresentação corporal da *drag*, que é perceptível desde a preferência pelo uso do nome próprio (Pablllo) em detrimento de um fictício, como o fazem outras *drags* cantoras de igual reconhecimento midiático, a exemplo de Glória Groove (Daniel Garcia Felicione Napoleão), Grag Queen (Grégory Mohd), Potyguara Bardo (José Aquilino Araújo) e Kaya Conky (Igor Ferreira).

Diz-se, assim, que Pablllo apresenta grande “*passabilidade*”, termo que, de acordo com Alexia Carpilovsky (2020), é utilizado para medir a capacidade de uma pessoa ser considerada membro integrante de um grupo identitário que não o seu próprio. Isso significa que Pablllo, apesar de ser um indivíduo que se identifica com o gênero masculino, é capaz de “passar” como mulher quando performa como *drag*; ou, mais precisamente, o tipo de *drag* que Pablllo reproduz se relaciona com a ideia de parecer uma mulher. Antes de avançarmos, é necessário pontuar que: a) existem outros tipos de *drag* que não visam replicar aspectos femininos, e b) a passabilidade é uma questão de interesse para a comunidade trans – ser mais ou menos passável pode significar estar mais ou menos propensa a ser vítima de violência de gênero e outras formas de discriminação, já que quanto menos passável se é, maior a possibilidade de despertar revolta por parte da população cisgênero. A ressalva que aqui deve ser feita é que a expressão *drag* de Pablllo não se pretende a emular uma identidade feminina como se o sujeito estivesse superposto à identidade de mulher, mas, tão somente, reproduz signos dessa identidade como forma de provocar o efeito artístico de *estranhamento*².

¹ Disponível em <https://bit.ly/3Crss5N>. Acesso em mar. 2022.

² A concepção de *estranhamento* ou desconhecimento é de Viktor Chklovski (1976) que, ao criticar a noção de poesia como sendo um conjunto de imagens, vai propor que a identificação da linguagem poética, antes mesmo de formar uma imagem, opera uma desestabilização na linguagem ordinária. O uso e o hábito fazem com que a língua sofra uma automatização, que “engole os objetos, os hábitos, os móveis, a mulher e o medo à guerra” (CHKLOVSKI, 1976, p. 44). A arte, então, seria aquilo que, usando esta mesma linguagem, mas subvertendo sua ordem, tempo ou espaço, promove um reencontro com o que foi familiarizado, devolvendo ao sujeito a sensação de vida. A arte não estaria, assim, a serviço da criação de uma imagem nova, mas da fabricação de uma percepção particular sobre um determinado objeto, “o procedimento da arte é o procedimento da singularização dos

Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-17	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

É importante levar em conta que essa ambiguidade atrelada à passabilidade está marcada no corpo do performer que tenta mimetizar os signos sociais associados ao gênero feminino, de maneira que esse corpo ambíguo se inscreve num espaço que é e não é feminino. O fazer artístico da drag foi historicamente construído por homens vestidos de mulher durante o teatro elisabetano. A herança desse estilo artístico pode ser percebida hoje em performances que se aproximam da passabilidade, como aquelas conduzidas por Pablllo. O que é interessante de ser observado é o processo pelo qual Pablllo constrói essa figura feminina.

Cultura e Formação Cultural

A pergunta que questiona que tipo de signo social é mobilizado na tentativa de passar como mulher encobre outra: o que torna um indivíduo mulher? Há de se considerar que a conjuntura social capitalista expressa um ideal sobre os corpos dos sujeitos, ideal esse que reúne determinados signos e exclui outros de sua matriz. Esses signos são culturais e, em última instância, estão determinados pelo capital que coopta sujeitos para reproduzir as condições de produção que asseguram a posição ideológica do grupo dominante. Exemplos desse mecanismo não são difíceis de serem apontados: as cadeiras dos ônibus têm um padrão de tamanho fixado, a maioria dos manequins de plástico apresenta um tamanho único, o mercado de roupas compreende um limite de largura e altura, a arquitetura de grande parte dos edifícios de mais de dois andares opera com escadas, a pele branca carrega privilégios que a pele preta e a indígena não detêm *etc.* Assim, o corpo que se pretende ser (mulher ou homem) está determinado a reproduzir o padrão imposto por uma *formação cultural* atrelada à formação ideológica em dominância na conjuntura social capitalista.

O conceito de formação cultural é apontado por Leandro-Ferreira em *O lugar do social e da cultura numa dimensão discursiva*, de 2011, como sendo o “espaço a partir do qual se podem prever os efeitos de sentido a serem produzidos” (LEANDRO-FERREIRA, 2011, p. 60). A previsibilidade que caracteriza uma dada formação está conectada ao assentamento de sentidos e ao efeito ideológico de naturalização de determinados fatos sociais cujo funcionamento desvela a ação prática dos aparelhos de estado. O dizer “cor-de-rosa é de menina”, naturalizado na conjuntura social em que estamos inseridos, está relacionado a um estereótipo específico, fundamentado na divisão dos sexos na sociedade, que se conecta à

objetos e o procedimento que consiste em obscurecer a forma, aumentar a dificuldade e a duração da percepção” (CHKLOVSKI, 1976, p. 45). Dessa forma, a arte seria um meio de experimentar o devir do objeto, figurando, nesse processo, o ato de percepção como um fim em si mesmo, que deve ser prolongado com o máximo de força e duração. O caráter estético não estaria, assim, a serviço do belo e do bom gosto, como o predizia Kant (Cf. CAMPOS; NECKEL, 2016), mas em função da libertação da percepção do automatismo.

Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-17	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

divisão social do trabalho e ao binarismo compulsório. O imaginário do feminino reúne em torno de si signos associados à fragilidade, ternura e delicadeza, aí inserida a “cor-de-rosa”, tom claro com nome de flor; esse tipo de estigma funciona na manutenção do lugar social da mulher como subordinada a uma espécie de força maior, representada pelo imaginário masculino. No limite, o reforço do papel submisso garante a reprodução do trabalho doméstico e de outros tipos de exploração feminina. O binarismo, por seu turno, está associado à pressuposição de que só existem dois gêneros, o masculino e o feminino, determinados pelo sexo biológico. O conceito é de Butler (2018), e serve para ilustrar a forma como a ideia de construção social do gênero é refreada pelo discurso do sexismo.

Um exame dessas proposições permite observar que a formação cultural está em contato com a ideologia (a lógica do capital) e com a formação imaginária (o imaginário sobre o feminino), e que funciona naturalizando as contradições próprias à produção do sentido, de maneira a tornar “cultural” aquilo que é terminantemente sócio-histórico e ideológico – cor-de-rosa ser de menina representa, na linguagem, aquilo que Pêcheux (2014) refere como o saber que não se ensina ou aprende, mas que continua produzindo sentidos. Assim, segundo Bauman (2012), a ideia de cultura começa a circular na segunda metade do século XVIII e surge como termo opositivo à natureza – tudo aquilo que o homem pode construir é cultural, e tudo quanto ele deva obedecer é natural. Essa oposição refletia, naquela época, a discussão filosófica sobre a condição de determinação humana, em que se enquadravam oposições do tipo liberdade e necessidade, voluntário e imposto, causal e teleológico, contingente e obediente, enfim.

Num cenário desse tipo, a cultura serviria como uma espécie de conceito planejado para reconciliar essas dicotomias, aninhadas, em maior ou menor medida, às instâncias de autodeterminação ou às de regulação normativa. Surge dessa tentativa de unificação o caráter de dois gumes da cultura, que a coloca em constante posição de ambiguidade. Nesse sentido, explicar, por exemplo, que algo é “cultural” significa encobrir muito facilmente a dinâmica conflituosa que envolve o surgimento de determinado fato social. À primeira vista, a complexa questão da liberdade feminina nas sociedades muçulmanas é frequentemente tida como “fato cultural” apartado de uma problemática de cunho social, como se a cultura fosse ela mesma um dado natural e não um substrato social. Assim, a exemplo do que opera a ideologia no plano do discurso, a relação entre natureza e cultura é de inversão – a causa natural aparece como produto cultural e vice-versa.

Nessa perspectiva, “o discurso da cultura tornou-se famoso por fundir temas e perspectivas que se ajustam com dificuldade numa narrativa coesa e não contraditória” (BAUMAN, 2012, p. 15). Daí podemos afirmar que a cultura reúne em torno de si uma série de

Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-17	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

paradoxos. A ideia compósita de cultura abriga, ao mesmo tempo, o estabelecimento de uma norma e a liberdade humana de exercê-la, ainda que saibamos que essa liberdade estará sempre a serviço da constituição de uma realidade a que não se possa resistir (à coerção). A isso equivale dizer que a liberdade está a serviço de sua própria anulação. Temos no funcionamento do assujeitamento um bom exemplo desse efeito – quando o indivíduo é interpelado como sujeito livre no intuito de que se submeta livremente ao Estado, reproduzindo sua própria sujeição. A ordem e a ideia de liberdade são assim estabelecidas ao manipular-se a probabilidade de certos eventos, criando o efeito de liberdade de escolha, e, ao mesmo tempo, restringindo ou anulando a ocorrência de outros eventos, limitando essa mesma liberdade. Num estado democrático de direito, um indivíduo é, por princípio, livre – desde que cumpra as limitações impostas pela lei. Nesse enquadramento, “a cultura, paradoxalmente, em sua potência de pluralidades, como matriz de diversidades, pode funcionar como anteparo ideológico de dominação e de opressão” (LEANDRO-FERREIRA, 2015, p. 166).

Como afirma Aguimário Pimentel Silva em *A cultura como paradoxo*, de 2021, esse *funcionamento paradoxal da cultura* se conecta à ideia de objeto paradoxal desenvolvida por Pêcheux, que discuti anteriormente. Podemos apontar a cultura como equivalente a isso que Pêcheux se referia quando afirmou haver um duplo caráter (regional e de classe) no funcionamento da ideologia no interior das formações ideológicas. Em *Linguística e marxismo*, texto que integra o livro *Encontros na análise de discurso*, de 2019, Pêcheux alerta para o fato de que “devemos pensar nas formações ideológicas como formações que remetem a coisas diferentes, e, por outro lado, às mesmas coisas, mas combinadas” (PÊCHEUX, 2019, p. 314). Assim, a cultura confere, ao mesmo tempo, identidade a um dado objeto no interior de uma formação ideológica (seu caráter de classe), e possibilita às formações discursivas a particularização de um sentido dentre outros, referente ao mesmo objeto (num caráter regional).

A liberdade de uma mulher religiosa na conjuntura social sul-americana não equivale à liberdade de uma mulher religiosa na conjuntura social afegã, e não unicamente porque o arranjo social é outro ou tão somente pela influência de formações ideológicas distintas, mas, principalmente, pelo fato de que tratamos de dois objetos iguais (a liberdade e a religião), para um mesmo grupo de indivíduos (a mulher religiosa), mas que é afetado de maneira diferente pela ação das práticas culturais que as identifica (a liberdade e religião). Aí, também, e nem tão longe assim, poderia constar a drástica oposição entre a liberdade religiosa da mulher branca brasileira e a liberdade religiosa da mulher preta brasileira – basta observar quem é alva e quem é alvo.

Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-17	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

Corpo, formação imaginária e formação discursiva

Ainda em 1969, Pêcheux desenvolve o conceito de formações imaginárias como espaço de assentamento de representações de um lugar social presente, mas transformado. Elas “designam o lugar que A e B se atribuem cada um a *si* e ao *outro*, a imagem que eles fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro” ([1969] 1990, p. 82, os grifos são do autor). Desta colocação é possível aferir que a marcação discursiva da presença de um indivíduo encontra sua existência mais concreta quando em relação às formações imaginárias postas em jogo no momento da produção discursiva, da representação linguageira que opera um sujeito determinado ao antecipar o momento mesmo da enunciação. Trata-se de um intrincado jogo imagético, uma série de especulações do eu em relação a si e ao outro; essas imagens estão indelevelmente atreladas ao corpo do sujeito que enuncia e ao de seu interlocutor, além de também levar em consideração o lugar social que eles ocupam, o momento e o espaço da enunciação.

É igualmente interessante mencionar que a leitura do lugar social do outro operada pelo sujeito não está isenta da determinação ideológica que incide sobre a formação de imagens representativas ou superpostas a uma dada formação cultural. É o caso de alocar o outro como homem por meio da associação do nome e do bigode com a posição em dominância na formação cultural que sustenta a FD da binariedade, esta que prediz a existência de um ser masculino prototípico que se configura por oposição a um ser feminino para quem a barba é elemento periférico. Esta composição pode ser entendida nos mesmos termos empregados pela semântica dos protótipos, ao assumir um modelo em que os conceitos são “estruturados de forma gradual, havendo um membro típico ou central das categorias e outros menos típicos ou mais periféricos”, como o afirmou Márcia Cançado, em seu *Manual de Semântica* (CANÇADO, 2022, p. 108).

A compreensão linguística de protótipo se coaduna à ideia de formação imaginária na medida em que estabelece a associação categórica como mecanismo constitutivo da representação. Suzy Lagazzi, em *Paráfrase da imagem e cenas prototípicas*, de 2015, estabelece conexão semelhante, ao abordar o conceito de *cena prototípica*. A ideia é a de definir um *já-visto*, nos moldes de um *já-dito*; essa cena atua como domesticadora da interpretação e remete à memória de algo reconhecido, já dito, já visto, um pré-construído de tipo imagético. É o caso, por exemplo, da identificação visual (de um logotipo, tipografia, identidade visual) de uma determinada marca em outro produto do mesmo gênero.

Como o afirmou Pêcheux em 1969, esta categoria de formações imaginárias opera com a representação de lugares sociais transformados, e isso, se me é permitido o arremedo,

Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-17	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

por intermédio da ação ideológica de uma formação cultural que cristaliza uma série de imagens significantes prototípicas de uma posição em dominância. No exemplo apresentado, a posição prototípica da formação cultural masculina reúne em torno de si as marcações [+ bigode], [+ macho] como centrais, [- bigode], [- macho] como periféricas. Note-se que o binarismo aponta para uma *formação discursiva* vinculada à formação ideológica de gênero, que comporta, por oposição, formações discursivas não-binaristas. Nesse esquema, as formações culturais funcionam como espaços de discursivização dos protótipos imagéticos constituídos pelas formações imaginárias. A cultura e a ideologia entram em contato nas formações culturais, estas que servem de base para visualização da forma sujeito de uma formação discursiva dada.

É na figura da drag que paradoxalmente se expressam e se dissolvem as contradições entre masculino e feminino, significante e significado – o corpo desse sujeito está além do pedaço marcado pela genitália, além do sexo e, também, além do gênero. Trata-se, como afirma Paul Preciado no *Manifesto Contrassexual*, de 2014, de um corpo feito de incessantes devires, “devir-mulher, devir-animal, devir-flor”, um corpo *entre*, que apesar de carregar esse devir na memória, “não se identifica nem com a mulher nem com o inseto nem com a flor” (PRECIADO, 2014, p. 192). Nesse sentido, é possível afirmar que o controle exercido sobre o corpo normatizado, o imaginário de corpo masculino ideal, produzido cultural e ideologicamente, produz também o corpo drag, que necessita resistir a uma certa torrente de sentidos que emanam dessa imagem para daí poder filiar-se a outra, mais fluída, dissociada de fatores estritamente biológicos, como o sexo, e de construção binária, como o par masculino/feminino. Por não aparecer como evidência, construto já-lá da ação ideológica, o corpo drag é por excelência um dos espaços em que mais fortemente a construção do corpo pela linguagem é percebida. Reivindica para si o espaço historicamente a ele designado pelo ato performático e o submete a um novo regime artístico e político, cujo centro é o discurso sobre o próprio de seu corpo.

Palavras finais

As contradições, como as conhecemos, decorrem da disputa entre a normalização do pensamento e a força disruptiva do Real (lacaniano); da luta entre a regularidade e o seu avesso surgem pontos de fratura que terminam por criar paradoxos, que são, por sua vez, passíveis de serem tomados como objetos discursivos. É completamente admissível, assim, que o corpo do sujeito drag, enquanto *objeto paradoxal*, materialize uma posição de *eu* e, ao mesmo tempo, a negue como sendo sua. Esse corpo é e não é *eu*, é e não é mulher, artista e público, voz e silêncio. Dessa forma, a ideia do Todo fechado em si mesmo, de um corpo

Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-17	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

unificado, completo, cede espaço à concepção materialista da integração dialética do conjunto, o todo que opera sem deixar de reconhecer a existência de suas contradições internas (ainda que elas sejam recobertas sempre e incessantemente pela ordem da ideologia, que visa encobrir as disputas assimétricas que originam e atravessam a formação social). Esse corpo em pedaços só se apresenta de forma completa por ação do tamponamento ideológico que procura formatá-lo desse modo, além de, por ação de controle, moldá-lo de acordo com as determinações estéticas regidas pela formação cultural em dominância. A cultura atua nesse esquema tanto como instância de regulação de um imaginário de corpo quanto como espaço de dissimulação das incoerências que circundam essa imagem formulada, ideal de existência de um único corpo possível.

É em resistência à força de ação unificadora da ideologia em contato com a cultura que o corpo drag procura desobedecer à norma cristalizada de que é preciso “vestir-se de acordo com o gênero ao qual se identifica”. Desobedecendo a essa norma, o sujeito não só deixa de concordar com este estado fixado, como arca com o custo social da dissidência dessa posição e se coloca como ser a ser visto. Ainda que se utilize de uma máscara de maquiagem durante a montagem, é efetivamente o semblante drag que ampara a verdade desse sujeito. O ato de performar parece funcionar como anteparo para o olhar do outro, que pode, a qualquer tempo, enxergar o ponto traumático que se vela (mas se busca dar a ver). Podemos pensar a performance drag como elemento constitutivo da forma e da regra e como um momento tomado num tempo presente, que envolve emissão e troca entre performer e público³.

Nesse esquema, participam da performance o tempo, o lugar, a mensagem enunciada pelo sujeito, e, também, a resposta conferida a ele pelo público; todos esses elementos são dirigidos pela presença da imagem dos corpos no ato performático. Desse espaço surge a conexão da performance com o tempo presente de uma situação comunicativa, lugar em que é possível visualizar a existência e a extensão corporal, temporal, espacial e social de seus integrantes, indicando o modo como eles produzem efeitos de sentido nesse ato comunicativo. Daí a aproximação da performance com a atualização de uma série de sistemas virtuais, dos quais o mais importante é a linguagem.

Mapear esses mecanismos pelos quais a cultura se inscreve nas práticas discursivas, nos permite indicar caminhos possíveis para a sua compreensão no quadro dos objetos discursivos. Como instância que reúne em torno de si termos antagônicos relacionados a um mesmo fenômeno social, a cultura funciona como o próprio caráter ambíguo, regional e de classe, que tensiona os sentidos conferidos a um determinado objeto paradoxal, em conjunção com a formação ideológica e as formações imaginárias e discursivas.

³ Que não deixa de participar da produção artística e da constituição dos sentidos em jogo no ato performático.

Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-17	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

Resistir a esse processo de homogeneização cultural significa, necessariamente, desobedecer a um dado conjunto de normas estabelecidas socialmente e assumir uma posição crítica no discurso. Essa posição pode muito bem ser aplicada ao sujeito que, apesar de já ter assegurado o lugar social atrelado à dominação masculina, faz concessões a respeito desse lugar e desobedece às normativas impostas, transgredindo, assim, o acordo silencioso que prediz que “homem não age como mulher”.

A expressão drag, em grande parte, afronta uma norma e põe em suspenso um lugar social para, a partir daí, assumir uma posição crítica, que questiona o funcionamento do processo de constituição desse lugar e do sujeito que o ocupa. O que se faz é, antes de qualquer coisa, pôr em tensão, por intermédio da ambiguidade materializada no corpo do sujeito performer, as relações sociais que operam as formações culturais. Isso porque a Análise de Discurso desterritorializa os conceitos advindos de outras áreas do conhecimento, operando teorizações em prol de um tratamento discursivo dos objetos complexos com os quais se depara.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. 16. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CAMPOS, Luciene Jung; NECKEL, Nádia. Olhares táteis: corpo atravessado, o sujeito que resta. *In*: GRIGOLETTO, Evandra; DE NARDI, Fabiele Stockmans (org.). **A Análise de Discurso e sua história: Avanços e perspectivas**. Campinas: Pontes, 2016.

CANÇADO, Márcia. **Manual de Semântica: noções básicas e exercícios**. 2. ed. 4. reimp. São Paulo: Contexto, 2022.

CARPILOVSKY, Alexia. Passabilidade: a aparência também como barreira para trans no trabalho. Matéria publicada em 4 fev. 2020. **Colabora**. [Site do Projeto Colabora]. Disponível em <https://bit.ly/3sSUhAL>. Acesso em mar. 2022.

CHKLOVSKI, Viktor. A Arte como Procedimento. *In*: **Teoria da Literatura: Formalistas Russos**. Porto Alegre: Globo, 1976.

FERNANDES, Carolina; VINHAS, Luciana. Da maquinaria ao dispositivo teórico-analítico: a problemática dos procedimentos metodológicos da análise do discurso. **Linguagem em (Dis)curso**, Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul), Tubarão, SC, v. 19, n. 1, pp. 133-151, jan./abr. 2019.

Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-17	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. **A Resistência da língua nos limites da Sintaxe e do Discurso**: da ambiguidade ao equívoco. 1994. 166 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP. Campinas: UNICAMP, 1994.

LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. O lugar social e da cultura numa dimensão discursiva. *In*: INDURSKY, Freda; LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina; MITTMANN, Solange (org.). **Memória e história na/da análise do discurso**. Campinas: Mercado de Letras, 2011, pp. 55-64.

_____. Resistir, resistir, resistir... Primado prático discursivo! *In*: SOARES, Alexandre Ferreira *et al.* (org.). **Discurso, resistência e...** Cascavel: EDUNIOESTE, 2015, pp. 159-169.

PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso (AAD-69) [1969]. *In*: GADET, Françoise; HAK, Tony (org.). **Por uma Análise Automática do Discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução de Bethania Mariani *et al.* Campinas: Editora da UNICAMP, 1990, pp. 61-162.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio [1975]. Tradução de Eni Orlandi. 5. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2014.

_____. Linguística e marxismo: Formações ideológicas, aparelhos ideológicos de Estado, formações discursivas [1976]. *In*: OLIVEIRA, Guilherme Adorno de; NOGUEIRA, Luciana (org.). **Encontros na análise de discurso**: efeitos de sentido entre continentes. Campinas: Editora da UNICAMP, 2019, pp. 307-325.

_____. Ideologia: aprisionamento ou campo paradoxal? [1982]. *In*: PÊCHEUX, Michel. **Análise de Discurso**: Michel Pêcheux. Textos selecionados por Eni Orlandi. 3. ed. Campinas: Pontes Editores, 2012, pp. 107-121.

PIMENTEL, Aguiário. **A cultura como paradoxo**: Representações da mulher no discurso jornalístico (1888-1910). 2021. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Comunicação, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL-UFPE). Recife: UFPE, 2021.

PRECIADO, Beatriz [Paul Preciado]. **Manifesto Contrassexual**. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2014.

Recebido em: 13/03/2023

Aceito em: 24/03/2023

Publicado em: 30/09/2023

Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-17	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

RELATIONSHIPS AMONG BODY, CULTURAL FORMATION, DISCURSIVE FORMATION AND IMAGINARY FORMATION

Isaac Costa

Universidade de Pernambuco

(isaac.mello@live.com)

ABSTRACT

In this text we investigate the conjunction between the concepts of cultural formation, imaginary formation and discursive formation, in order to understand the paradoxical treatment given to the body, more specifically, the body of the drag queen, which materializes a position to be and not to be, at the same time, man and women. This body is and it is not a woman, artist and public, voice and silence. The idea of a unified, complete body gives way to the conception of contradiction, always and incessantly covered by the order of ideology, which aims to cover up the asymmetrical disputes that originate the social formation. This body is only presented in a complete way by the action of ideology, that seeks to format and control, molding the body it according to the aesthetic determinations governed by the cultural formation. Culture acts both as an instance of regulation of an ideal body, and as a space for dissimulating the inconsistencies that surround this formulated image.

Keywords: Cultural formation; Imaginary formation; Discursive formation; Discourse analysis.

Dossiê "Nas teias da linguagem"

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-17	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfenas/MG - CEP 317131-001 - Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

RELACIONES ENTRE CUERPO, FORMACIÓN CULTURAL, FORMACIÓN DISCURSIVA Y FORMACIÓN IMAGINARIA

Isaac Costa

Universidade de Pernambuco

(isaac.mello@live.com)

RESUMEN

En este texto investigamos la conjunción entre los conceptos de formación cultural, formación imaginaria y formación discursiva, a fin de comprender el tratamiento paradójico que se le da al cuerpo, más específicamente, al cuerpo de la drag queen, que materializa una posición de ser y no ser, al mismo tiempo, hombre y mujer. Este cuerpo es y no es mujer, artista y público, voz y silencio. La idea de un cuerpo unificado, completo, da paso a la concepción de la contradicción, siempre e incesantemente encubierta por el orden de la ideología, que pretende encubrir las disputas asimétricas que originan la formación social. Este cuerpo sólo se presenta de forma completa por la acción de la ideología, que busca formatear y controlar, moldeando el cuerpo según las determinaciones estéticas regidas por la formación cultural. La cultura actúa tanto como una instancia de regulación de un cuerpo ideal, como un espacio para disimular las inconsistencias que rodean esta imagen formulada.

Palabras-clave: Formación cultural; Formación imaginaria; Formación discursiva; Análisis del discurso.

Dossiê “Nas teias da linguagem”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 1	1-17	2023
----------------------------	-------------	-------	------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfenas/MG - CEP 317131-001 - Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>